

Colégio Gentil Bittencourt: histórias em perspectivas de um potente museu de educação, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil

Colégio Gentil Bittencourt: stories from a powerful museum of education in Belém do Pará, Amazônia, Brazil

Luiz Tadeu da Costa¹Suzete Montalvão Fraiha²

DOI 10.26512/museologia.v9i17.22118

242

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 9, n.º 17, Jan./ Jul. de 2020

Resumo:

O artigo objetiva iluminar o potencial museológico do Colégio Gentil Bittencourt, a partir de sua referência de memória para a sociedade e para a cidade de Belém do Pará, assim como destacar os objetos materiais e imateriais que constituem o Colégio como lugar de construção de conhecimento, para a Educação e para a Museologia. Serão tratados objetos como o repertório histórico da instituição, sua arquitetura e sua relação com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade Iphan/Unesco.

Palavras-chave:

Colégio Gentil Bittencourt. Museologia. Belém do Pará. Educação. Patrimônio.

Abstract:

The article aims at illuminating the museological potential of the Colégio Gentil Bittencourt, from its reference memory for society and the city of Belém do Pará, as well as highlighting the material and immaterial objects that constitute the School as a place of knowledge construction, for Education and for Museology. Objects such as the historical repertoire of the institution, its architecture and its relationship with the Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Cultural Heritage of Brazil and Humanity Iphan/Unesco will be treated.

Keywords:

Colégio Gentil Bittencourt. Museology. Belém do Pará. Education. Heritage.

Introdução

Este artigo busca apresentar o Colégio Gentil Bittencourt (CGB) e sua potência de diálogo com o campo museológico, na perspectiva da educação museal. Para melhor compreender esse alinhamento entre campos de conhecimento acionamos as possibilidades museológicas que o CGB possui, a partir de sua história com a educação no Estado do Pará, que se entrelaça com a própria história da cidade de Belém; a arquitetura do Colégio, com um novo olhar sobre os objetos que compõe o repertório histórico da instituição; assim como a sua relação com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, Patrimônio Cultural do Brasil e da Humanidade Iphan/Unesco, respectivamente.

¹ Professor do Curso de Museologia da Faculdade de Artes Visuais, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará-FAV/ICA/UFPA; Doutorando do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias-ULHT, Lisboa-Portugal.
Email: lutaco@hotmail.com

² Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Pará-UFPA.
Email: suzetefraiha@gmail.com

É importante dizer ainda que alguns dados utilizados no presente artigo são resultados de investigações científico-acadêmicas desenvolvidas desde 2014 no Colégio Gentil Bittencourt, assentadas no campo da Museologia, ligadas ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Pará-UFPa, cujos projetos de pesquisa e extensão incluem também estudos de público com distintos grupos que convivem no Colégio. Especialmente para esse artigo, trazemos alguns dados de entrevistas realizadas no período de outubro a novembro de 2018, com o público estudantil do CGB, para melhor evidenciar sua relação com as ideias de Museu e Patrimônio. Entendemos que dessa forma, destaca-se a relação Museu e Educação presente nessa bi-secular instituição de ensino, estabelecendo um diálogo com a Museologia afim de articular seus objetos material e imaterial como recursos didáticos voltados para a compreensão do espaço escolar como lugar de construção de conhecimento para o museu e para o Colégio.

O Colégio Gentil Bittencourt: uma breve apresentação de sua história

O Colégio Gentil Bittencourt(CGB) é uma instituição de ensino que funciona desde 1804, na cidade de Belém no estado do Pará, região amazônica do Brasil, com mais de dois séculos no campo da educação, os seus primeiros passos na formação para educação no início do século XIX, surgiram a partir de uma ideia de criar em Belém um estabelecimento com a função de abrigo para acolher e educar meninas índias vindas do interior do Estado, trazidas por D. Manoel de Almeida Carvalho, 7º pastor da diocese paraense. Com ajuda de doações para manter o asilo, estabeleceram-se em uma casa de aluguel, que depois passou a se chamar de Recolhimento das Educandas. As doações não eram suficientes o que tornou necessário auxílio do Governo sendo D. Pedro I o primeiro a fornecer ajuda financeira no valor de 200 mil réis (VIANNA, 1906: 06). O recurso não supriu as necessidades de manutenção do espaço, o que levou a Assembleia Legislativa a ordenar a inclusão do Recolhimento das Educandas no planejamento orçamentário do Estado. Ainda assim não foi suficiente para manter o abrigo que atendia inicialmente a 25 educandas. As condições de funcionamento eram precárias o que levou a buscar um novo espaço, com melhores condições para o acolhimento e educação das educandas.

Em 1840 foi instituído o primeiro regulamento no qual a regência do Recolhimento das Educandas era realizada por um administrador e um regente nomeado pelo governo. Segundo Vianna (1906: 10), o regulamento garantia a subsistência do abrigo, educação e instrução das meninas pobres. Anos depois, em 1851, novas reformas aconteceram e através da promulgação da lei 205 de 2 de novembro atribuiu-se ao governo provincial a responsabilidade de manter o Asilo que passa a ser denominado de Colégio Nossa Senhora do Amparo.

Para admissão no Colégio, as educandas deveriam ter a idade entre 7 a 12 anos e poderiam permanecer até os 18 anos. Seu desligamento do Colégio se dava por meio de casamento, adoção ou retorno para casa dos parentes, quando era o caso. O número de educandas crescia a cada dia, o que provocou a necessidade de buscar outro espaço, mais amplo. Ainda assim não parecia o suficiente, pois os problemas internos de funcionamento continuavam por ordem financeira.

A educação das meninas pobres, naquele período, estava voltada para doutrina cristã, deveres morais e religiosos, leitura, estudos aritméticos, música,

Colégio Gentil Bittencourt:

histórias em perspectivas de um potente museu de educação, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil

canto, dança e pintura.

Sucessivas mudanças e reformulação de seu regulamento ocorreram, mas não eram suficientes, pois os recursos escassos dificultavam o atendimento. A permanência das educandas após completarem 18 anos tornou-se um problema e para mantê-las foi criado por meio da portaria de 9 de junho de 1874, o Curso Normal que surgiu como alternativa para formação das educandas no magistério e poder após os 21 anos exercer a educação pública. No final do século XIX, um prédio novo foi construído, num terreno amplo, para atender às necessidades do Colégio e que tivesse boas condições de higiene e acomodação para mais de 200 educandas. O novo edifício (figura 01) foi construído na estrada da independência, atualmente conhecida como Avenida Governador Magalhães Barata, N.º 137, bairro de Nazaré.

Figura 01: Fotografia produzida na ocasião da inauguração do prédio do Instituto Gentil Bittencourt



Fonte: <http://olimpiareisresque.blogspot.com.br/2013/10/belem-do-grao-para-colegio-gentil.html> Acessado em 19/01/2019

Desde 26 de junho de 1906, o CGB passou a funcionar em um prédio próprio. As mudanças não surgiram apenas na construção do espaço físico, mas na organização administrativa, assim como a mudança do nome da instituição que passou a se chamar Instituto Gentil Bittencourt. A estrutura organizacional foi modificada e a gerência do Instituto passou às mãos das religiosas que assumiram a administração; entretanto o Instituto permanecia com caráter público. Segundo Vianna (1906: 90) de acordo com a lei 946 de 9 de outubro de 1905, que teve por fim dar instruções primárias e educação moral e doméstica às meninas pobres e a administração interna, determinou que a instituição ficasse a cargo das irmãs filhas de Sant'Ana.

As reformas administrativas seguem afirmando o papel da Instituição como abrigo, além de instruir e dar às alunas uma educação doméstica. Porém o ensino ampliou-se e passou a englobar o curso secundário oficial, que segundo Filhas de Sant'Ana (1963: 07) implicou em que o Colégio passasse a "dar maior amplitude às atividades escolares, estendendo-se ao 2º ciclo, com a criação do curso científico". Neste mesmo período, o Instituto passa a se chamar Colégio Gentil Bittencourt e deixa de ser responsabilidade do Governo e passa a administração de forma integral para às mãos das Irmãs Filhas de Sant'Ana. As meninas órfãs são transferidas para o orfanato em Santa Izabel, município paraense.

O Colégio Gentil Bittencourt (CGB) tomou novos rumos tanto no aspecto administrativo como educacional, configurando-se menos como instituição de abrigo e mais de ensino. Atualmente, é uma Instituição privada com ensino para crianças e jovens, abrangendo da educação infantil ao ensino médio com a missão de educar e evangelizar, formando o ser comprometido com ideia de cidadania. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o Colégio reestruturou o ensino em jardim infantil, primário, ginásial, curso científico e normal e passou para regime misto, atendendo meninas e meninos. Com o passar do tempo o Colégio Gentil passou por novas reestruturações na educação, atendendo às novas resoluções do Conselho Estadual de Educação e inseriu no currículo o ensino da informática o que resultou no ingresso da tecnologia educacional. O final do século XX foi marcado por muitas mudanças, mas foi no século XXI que se evidenciou, buscando dar aos jovens uma educação integral, pautada na valorização da relação integral entre o ser e o ambiente e com Deus, conduzindo a educação para formação crítica e voltado para os valores humanos.

O Colégio Gentil Bittencourt e sua arquitetura

A arquitetura do Colégio possui valor histórico que faz parte da história da cidade de Belém. O referido prédio foi construído no período da *belle époque* da borracha, durante os séculos XIX e XX e apresenta características do ecletismo no Pará. Investigar o Colégio Gentil Bittencourt pode contribuir para refletir sobre como a educação tem se desenvolvido ao longo desse tempo e o quanto tem favorecido para o conhecimento sobre o potencial museológico dentro deste e outros espaços em Belém, desvendando o passado a partir da leitura das coisas no momento presente.

Na ideia central da concepção do projeto de construção do Instituto Gentil Bittencourt, como era denominado à época, o arquiteto responsável pelo projeto, o italiano Filinto Santoro, traz uma arquitetura em que o entendimento de estilo clássico como o renascimento italiano e os detalhes mais clássicos sejam reduzidos por elementos modernizadores. Para Santoro a ideia era de uma escola monumental, no qual as fachadas, escadarias tinham um peristilo clássico (DERENJI, 1998: 179).

A planta baixa do Instituto Gentil Bittencourt (Figura 02) apresenta no conjunto arquitetônico um corpo central com dois pavimentos, duas alas, além de um corpo central de um pavimento constituído de refeitório. O edifício possuía porões com paredes medindo largura de 2,60m, com áreas construídas de 3940m².

A arquitetura do prédio foi construída para favorecer a boa ventilação e iluminação natural. A planta baixa do edifício é em forma de “E” oblongo, segundo Vianna (1906: 59).

A parte principal do edifício se encontra localizada logo após a escadaria e o térreo. Esta primeira área está ligada a outros dois espaços, à direita, com a portaria e à esquerda, com a capela.

O prédio é constituído por duas alas, uma à direita e outra à esquerda, sendo que a ala direita foi dividida em vários cômodos para salas de aula, logo após as salas, segue-se uma escadaria, depois um salão para rouparia e outra área para banheiros, composto de 30 salas de banhos destinados para as educandas.

Colégio Gentil Bittencourt:
histórias em perspectivas de um potente museu de educação, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil

Figura 02- Plana baixa do 1º Pavimento do Instituto Gentil Bittencourt

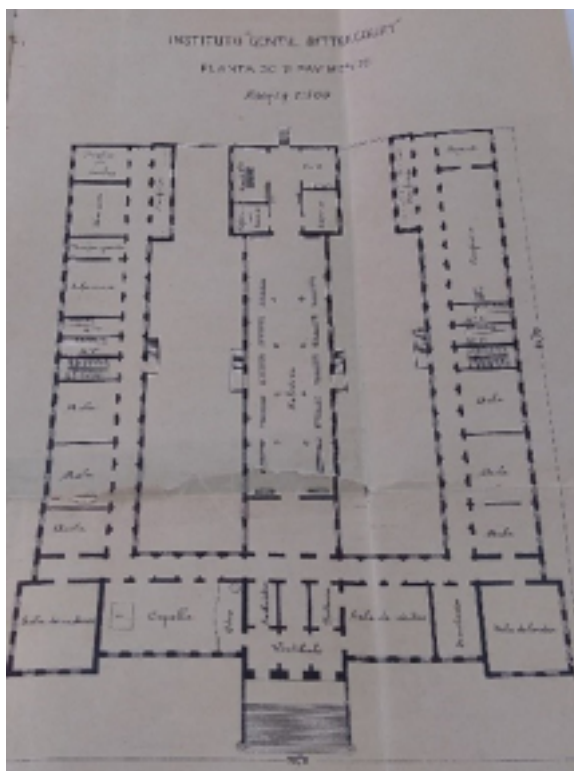


Foto: Suzete Fraiha, 2018

No lado esquerdo do prédio, havia três salas, bastante arejadas e com iluminação natural, em seguida uma escadaria, logo depois havia dois cômodos para sentinas, uma sala para enfermaria, outro cômodo para banhos quentes, farmácia, sala de banho à ducha e outra de banho comum.

A parte central do prédio apresenta conexão com as duas alas. Este espaço foi construído para ser o refeitório (Figura 03), no qual o espaço possuía uma sala principal antes deste espaço, seguido de uma sala ampla destinado para ser local de refeição das educandas. Neste espaço, havia aberturas laterais composto de 16 janelas, sendo 8 janelas de cada lado.

Na parte posterior, após o salão principal, havia o refeitório das irmãs, além da sala de dispensa, a cozinha e a copa.

Figura 03: Refeitório do Instituto Gentil Bittencourt



Fonte: imagens extraídas do Album do Estado do Pará, 1908, reproduzidas por Suzete Fraiha, 2018

O corpo central apresenta escada lateral que estabelece conexão com os dois pátios de recreio, onde havia sido instalado quatro pavilhões em ferro (Figura 04), sendo dois em cada pátio.

Figura 04: Pavilhões do pátio do recreio do Instituto



Fonte: imagens extraídas do Álbum do Estado do Pará, 1908, reproduzidas por Suzete Fraiha, 2018

No 2º pavimento, encontravam-se os aposentos das irmãs, que estão localizados no corpo central e quatro dormitórios, dois para cada lado do aposento das religiosas destinados para acomodar as educandas, além de quatro cômodos menores, divididos dois para cada ala, sendo um depósito e rouparia e duas privadas. Este pavimento se conecta entre si e pela escadaria.

Vale dizer, que para alguns historiadores o ano seguinte à inauguração do Instituto Gentil Bittencourt marca o início do declínio da “era da borracha”, período em que na região amazônica e o Estado do Pará demonstram não possuir mais poder econômico para construir prédios monumentais, nem administrar os já existentes, o que vai implicar paulatinamente em crise financeira em várias instituições, inclusive no Instituto Gentil Bittencourt que ao sentir a falta de apoio do governo, procura com o passar dos anos ficar menos dependente da administração dos cofres públicos, ao atender educandas oriundas de grupos socioeconômicos mais bem aquinhoados para a obtenção do título de normalistas, como eram chamadas as professoras na época. A mudança de Instituto para Colégio Gentil Bittencourt aconteceu a partir de 1952.

Imagem 05: Vista aérea do CGB



Foto: Fábio Saraiva, em 26/09/2018

ISSN 2238-5436

Colégio Gentil Bittencourt:

histórias em perspectivas de um potente museu de educação, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil

Destaca-se ainda que o conjunto Arquitetônico/Paisagístico do Colégio, compreendendo o edifício, jardins e grades foi tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secretaria Executiva da Cultura do Governo do Estado do Pará – Dephac/Secult, conforme Lei n.º 4.855, Livros de Tombo N.º 1 (Arqueológico, Etnográfico, Científico, Paisagístico e Turístico) e N.º 2 (Tombo Histórico), conforme Diário Oficial do Estado publicado em 01/11/82. Posteriormente, no Diário Oficial do Estado do Pará, de 18/06/1999 foi publicado o Termo de Aditamento e Ratificação de tombamento da área de entorno do conjunto arquitetônico e paisagístico do Colégio Gentil Bittencourt.

Para dar mais ênfase a essa questão arquitetural do CGB e articulá-lo com questões imateriais de Belém do Pará, um espaço importante do Colégio é a sua capela, como veremos a seguir.

Sobre a importância da Capela do Colégio Gentil Bittencourt

A capela, espaço de grande relevância para o CGB, pois configura a área de encontro para oração, apresenta um rico trabalho artístico com decoração no interior em pinturas no forro e murais no teto principal do altar, obra do artista francês Joseph Cassé. A capela apresenta uma área bastante iluminada e ventilada por razão da abertura de seis janelas dispostas na parte lateral da capela com abertura para fachada principal e no jardim disposto na frente do prédio. O pavimento é constituído de mármore de cor vermelho de Verona, e bardillo de Seravezza (DERENJI, 1998: 178).

O altar da capela possui três degraus maciços de mármore branco de Carrara, apresenta pequena colunata arqueada, colunas em forma poligonal na parte do pequeno templo abobadado com quatro colunas de mármore vermelho e em cima o altar.

A importância da Capela do Colégio Gentil Bittencourt vai além de sua arquitetura e ornamentos, pois é esse lugar que hospeda uma imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, um dos principais ícones da cultura local e referência maior à festividade de mesmo nome que ocorre na cidade de Belém do Pará todo segundo domingo de outubro¹. É nesse sentido que a capela se torna um importante espaço na arquitetura do CGB, na medida em que articula, integra e transforma o Colégio em palco para início e fim das festividades nazarenas.

A imagem da santa que fica hospedada na Capela do Colégio, depois de tantas décadas no século XX, cumprindo um extenso calendário de programação referentes ao Círio de Nazaré, parou de participar do evento nos anos de 1968. No ano seguinte, a Arquidiocese de Belém encomendou a confecção de uma outra imagem que passou a peregrinar desde então até os dias atuais.

Entretanto, muitas pessoas não têm essa informação, ou seja, acreditam ter sido essa imagem, que fica na Capela do CGB, a que saiu pelas ruas de Belém nas romarias do Círio. Portanto, no imaginário popular é a imagem hospedada ao longo de todo o ano na Capela do Colégio Gentil Bittencourt que as pessoas depositam seus votos de agradecimento ou pedido de graças, embora existam mais duas imagens da Santa que são trabalhadas pela Diretoria da Festa², quem

1 Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. Organizado pelo presidente da Província do Pará, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. No início, não havia data fixa para o Círio, que poderia ocorrer nos meses de setembro, outubro ou novembro. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro. (<http://www.ciriodenazare.com.br/portal/historia.php>)

2 Criada em 1910 e constituída somente por homens da Igreja e do Estado, que formam os membros do

oficialmente organiza o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Repito que essa imagem que fica sobre um pedestal localizado ao lado direito de quem entra na Capela outrora já foi uma imagem oficial. Hoje essa imagem não sai do CGB e não tem qualquer aparato de proteção que impeça o público visitante da Capela de chegar perto e tocar na imagem da Santa. Nesse sentido, podemos pensar que o grande público tem nessa imagem uma fiel mediadora às suas súplicas, já que a imagem “original” fica no Glória, localizado no centro superior do altar mor da Basílica Santuário, descendo somente duas vezes ao ano. Enquanto a imagem que atualmente peregrina cumpre uma agenda social de eventos, ficando em exposição para o grande público, apenas nas festividades do Círio, durante a primeira quinzena do mês de outubro.

Assim, é legítimo entender a associação no imaginário popular do paraense entre o Círio e o Colégio Gentil Bittencourt, sobretudo, se pensarmos este último como um locus de hospedagem da imagem da Santa desde o século XIX, quando o CGB ainda chamava-se Colégio Nossa Senhora do Amparo e não tinha endereço próprio. Época de transição do período Imperial para o período Republicano no Brasil. Também destaca-se o fato de “o Estado do Grão Pará e Rio Negro tinham uma vida administrativa, social e econômica em subordinação à Lisboa” (TOCANTINS, 1987:144). Do período Colonial ao Imperial, do século XVII ao século XIX, ou seja, da instituição ao fortalecimento do Catolicismo no Brasil.

“Nas Américas, as sociedades, resultado dos interesses público e privados, até hoje perduram, sendo responsáveis pela criação de diversos museus, escolas e hospitais” (VEIGA, 2013: 22). Todas essas considerações convergem para a compreensão de como a Capela do Colégio Gentil torna-se um espaço importante na articulação do CGB com a sociedade paraense, embora hospede uma das imagens de Nossa Senhora de Nazaré legalmente destituída de seu papel originário. Nesse sentido, podemos pensar que a imagem dessa santa fica mais próxima do objeto semióforo, segundo o entendimento de K. Pomian (1984) e a capela mais próxima de cumprir um papel de museu, como um espaço mantenedor da imagem e comunicador da relação com o Círio.

A partir de observações de pessoas em Belém e suas relações não somente com o lugar – capela do colégio, mas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, ícone maior do Círio, podemos dizer que a experiência religiosa sempre esteve presente na vida da sociedade humana, modificada muitas vezes pelos incrementos de dominação, seja econômico, tecnológico, estético, político, etc. A segunda metade do século XX viu a lógica do espetáculo se consolidar nas sociedades humanas, o que nos faz refletir como os ritos culturais passam a se adaptar às novas realidades, especialmente a realidade de mercado, sob a ótica capitalista, ficaram cada vez mais conectados ao contexto do sagrado. Então, se viu promessas, fé, adoração e espaços de culto se transformarem em mercadorias valiosas sob a lógica da racionalidade científica ligada à subjetividade moderna. Se refletirmos ainda sobre a crença ou idolatria em imagens de santo, podemos entender como um pré-destino ao que temos como realidade em nossos tempos atuais de cultura visual.

No que se refere ao contexto específico do Círio de Nazaré, conforme a narrativa mítica, que data aproximadamente do ano de 1700, a imagem da santa “não para quieta”. Seja quando foi encontrada pelo caboclo Plácido às

Conselho e das oito diretorias responsáveis pela organização da festa. O conjunto dessa Diretoria articula com a sociedade civil organizada, os patrocinadores, promotores e toda sorte de apoiadores que venham a colaborar com a concretização efetiva do Círio de Nazaré.

margens do igarapé Murucutu e levada a sua casa, a imagem voltou ao igarapé. Seja quando o então Governador da Capitania do Grão Pará levou a imagem da Santa para a capela do Palácio do Governo e esta “fugiu” de volta para o igarapé. Depois de quase um século desses episódios de “fuga” da santa, em 1793, a lenda foi comprovada pelo governador Francisco de Souza Coutinho que oficializou uma Feira de produtos agrícolas e a Procissão do Círio, assim como implantou um arraial para entretenimento das pessoas e ainda solenizou o trajeto da “fuga” entre a capela do Palácio e o igarapé Murucutu, que na ocasião já tinha mandado construir a primeira Capela à Nossa Senhora de Nazaré, que ao longo do tempo se transformaria na atual Basílica Santuário.

Sob o signo da “fuga” é pertinente perceber o Círio como representação da diversidade e do fluxo, por que nasceu nas bordas, a partir do “achado” da imagem da Santa por um homem (o caboclo Plácido), se estabelece na periferia da cidade de Belém, tem um caráter popular aderido pelo poder oficial do governo, que além de manter a imagem vinculada à Capela do Palácio do Governo, mandou construir um outro local de culto à imagem da Virgem de Nazaré. Portanto, as modificações que vão ocorrer ao longo do tempo, seja na Imagem da Santa, como no Círio fazem parte dos incrementos de dominação daqueles que se interessam pela potência do hoje patrimônio cultural Círio de Nazaré, conforme inscrição no Livro de Registro das Celebrações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, em 2004.

É explícito o caráter dinâmico, gregário, caboclo, híbrido, polissêmico, polifônico e espetacular do Círio à Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará. Não dá para pensar o Círio como algo homogêneo e apenas como uma procissão religiosa de cunho católico, por que a identidade do evento está na “morte” do individual para o fortalecimento do coletivo.

Sendo assim o Círio de Nazaré corrobora para a construção social do indivíduo no estado do Pará, sobretudo na cidade de Belém, que se vê representado nesse acontecimento profano/religioso ocorrido no segundo domingo do mês de outubro. Uma representação cultural, entranhada nas tessituras que constroem as identidades dessa pessoa de Belém. E aqui reitero a força icônica da imagem de Nossa Senhora de Nazaré que para este indivíduo paraense é a representação máxima do acontecimento e sua principal forma de identificação, principalmente por atribuir a esta imagem uma devoção, uma fé e um agradecimento pelas coisas que adquire ou pensa em adquirir em sua vida. Um micro amor que vai do individual para o coletivo, gerando um movimento de afetos que desemboca numa comoção pública durante as procissões que compõe o Círio. Talvez essa comoção generalizada no público que participa do Círio ao longo desses mais de dois séculos tenha um contributo para a Unesco decretar o Círio como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, em dezembro de 2013.

A relação tempo-espaço nos faz enxergar o quanto o Círio vai muito além de seu mito de origem, ou de um fato cultural proveniente do colonizador português. O Círio é a “moeda” sociocultural mais potente que o indivíduo paraense tem e é com este valor que o paraense negocia seus vínculos, seja no próprio estado do Pará ou fora dele, na medida que a dinâmica do Círio agrega e absorve manifestações de diferentes grupos sociais, se tornando um espaço de abundante interlocução para a diversidade, desdobramentos e atravessamentos dos indivíduos que se permitem viver o Círio. Neste sentido que este patrimônio colabora para a compreensão de como as pessoas do e no Pará assimilam e se relacionam com as marcas do lugar que está assentado o fenômeno cultural

em questão.

Se virmos o Círio como espetáculo, perceberemos que o público não é passivo, já que passivo remete a ideia de inatividade (século XIX). O Círio como *locus* da performance é justamente o espaço de transmissão dos afetos, embora as emoções não sejam tão individualizadas. Os sentimentos e os afetos são manifestados no corpo de cada indivíduo que participa do Círio, já que acontece na articulação do individual com o coletivo. No século XX a ideia de interação é contrária a de passividade, daí a performance ganhar mais evidência e ser facilmente enxergada no numeroso público que a cada ano acompanha as procissões do Círio, seja de pagadores de promessas ou simplesmente de pessoas que acompanham as procissões. Nesse sentido, cada romaria, cada procissão que integra o Círio corrobora como um espaço de construção de afetos, como um laboratório de emoções e de sentimentos diversos.

Nesse contexto aglutinante do Círio que a Capela do Colégio Gentil se afirma como um lugar do sagrado, na medida que o próprio Colégio torna-se invisível diante da dimensão que o evento/patrimônio adquire na cidade. Uma relação marcada pelo silêncio das vozes oficiais que não explicitam o porquê e como o Colégio passou a integrar as festividades do Círio; e da invisibilidade do Colégio Gentil Bittencourt à sociedade civil diante da grandiosidade do evento. A razão pela qual faz sentido escrever um artigo no campo museológico aproximando duas referências patrimoniais de Belém, o Círio de Nazaré e o Colégio Gentil Bittencourt, resguardando as devidas naturezas e complexidades de cada um deles, mas destacando as suas representações enquanto heranças culturais para a cidade e para o estado do Pará. Nessa trama, embora ainda pouco investigada, reiteramos que os dois indicadores de memória estão unidos para que possamos enxergar algumas facetas dessa relação, na qual tanto o Colégio quanto o Círio são objetos testemunhos, e conseqüentemente, possam se transformar em objetos diálogos para o campo interdisciplinar da Museologia. Desta forma, pensamos em colaborar para um discurso que torne o Círio de Nazaré e o Colégio Gentil Bittencourt aliados para um melhor entendimento das complexidades do patrimônio assentado na cidade de Belém do Pará.

O Colégio e o Museu: educação para novo olhar sobre o patrimônio

No final do século XIX e início do século XX, a educação no Estado do Pará teve uma relevante atenção por parte do poder público, que ao longo deste período foi o protagonista na construção de prédios para servir de escolas. Empenhou-se em construir escolas com aspectos monumentais, com arquitetura moderna, importando materiais e até mão de obra para construção dos prédios. Foi neste cenário que se construiu a educação no Pará. Durante esse período, marcado pelo acelerado progresso e crescimento econômico na região, no período áureo da borracha que a educação passou por várias transformações. Considerando o contexto histórico e o cenário onde a educação se deu é que se buscou através deste estudo conhecer a história da educação no Estado do Pará, em particular a do Colégio Gentil Bittencourt, particularmente como o ensino pode contribuir para um entendimento sobre o patrimônio pelos educandos desta instituição.

Com mais de dois séculos, a instituição vem construindo uma história no âmbito da educação, inovando a cada dia para se manter em iguais condições de produzir uma formação educativa que venha ao encontro com as reais necessidades que a sociedade precisa, sem desvincular-se da sua história pretérita

Colégio Gentil Bittencourt:

histórias em perspectivas de um potente museu de educação, em Belém do Pará, Amazônia, Brasil

e que se mantêm viva na memória da sociedade. Em cada canto do Colégio se evidencia um pouco desta história que se revela nos objetos, nos ornamentos, nas pessoas que caminham lado a lado neste processo de construção da história e educação dentro da instituição. Manter vivo o passado por meio destes elementos e de muitas narrativas tem contribuído para preservação da memória no momento presente, mas mantendo olhar voltado para o futuro, o que acaba por se tornar um grande desafio para educação, e mais ainda alinhada no fazer museológico, por meio da educação museal.

Como já vimos aqui, o CGB tem fôlego para o fato museal, a partir dos objetos testemunhos materiais e imateriais que o constituem. O Colégio apresenta inúmeros marcadores que realçam o seu potencial museológico que se apresentam nos objetos que tem muito a contar sobre a história da educação no Estado e seu contexto sócio, político, econômico e cultural. Além desses marcadores há dois museus dentro do Colégio, constituídos em períodos diferentes e com propósitos distintos, porém ambos demonstram sinal da preocupação em salvaguardar os objetos que representam parte da história da instituição. Esses espaços museológicos surgem como possibilidade de consolidar o papel de testemunho da instituição, como também podem servir de recurso didático na educação dos estudantes e na preservação da memória da Instituição, assim como em desenvolver a musealização do acervo que não esteja aberto apenas para contemplação, mas para educar o olhar sobre a história do passado e do presente, construindo um pensamento crítico sobre o tempo e o espaço vivido. Embora a intenção deste artigo seja refletir sobre como a educação do Colégio Gentil tem contribuído para o conhecimento sobre o patrimônio pelos educandos, não seria possível deixar de destacar o patrimônio como instrumento para a educação e pensar qual a concepção que se possui enquanto potência museológica. A principal intenção é compreender a relação que o CGB construiu com o patrimônio por meio da educação. Em busca de respostas para as questões citadas, a educação foi norte para conhecer seu real papel no contexto escolar no centro do ensino formal.

Pela história construída ao longo dos dois séculos no Colégio Gentil Bittencourt pode-se perceber que a principal função da instituição era de instrução, de formação voltada para as atividades domésticas e tinha um caráter de acolhimento. O tempo e as mudanças ocorridas ao longo da história, transformou o conceito sobre educação. O quadro que se configurava sobre o ensino no início do século XX era de transmissão de conhecimento, o que não permitia às educandas a possibilidade de troca de saberes.

A educação acontece em diferentes espaços, onde ocorra produção de conhecimento, mas o foco aqui é a educação no espaço escolar, local que para a maioria das pessoas é o lugar de construção, de comunicação, de partilhar experiências e de diálogo, porém o que se percebe é que as práticas educativas nem sempre se definem pelo caminho do diálogo, acaba por exercer o papel de transmissor de conhecimento. O ensino permanece de forma estanque, absoluta, petrificada, descontextualizada do mundo presente e neste cenário encontra-se o educando que exerce o papel de espectador, recebe conhecimento como depósito, armazena, guarda sem questionar.

Na concepção de uma educação libertadora, a escola é lugar de comunicar, onde o educando possa ocupar lugar de protagonista, ser capaz de tomar decisões, ser consciente de suas próprias ações, intervir e construir sua própria história. Ter leitura do mundo, da realidade em que está inserido, interpretar seu entorno, decifrar códigos e atribuir significado às coisas. Mas para que

ocorra a leitura dos fatos “É preciso aprender a ouvir as coisas, a entender suas lições” (HORTA, 2006: 224).

As lições são apreendidas e compreendidas quando a educação promove o conhecimento por meio do diálogo, possibilitando ao educando a habilidade de observar, interpretar e agir sobre as coisas presentes ao seu redor. A educação que vem se alinhando ao longo da história no Colégio Gentil, ainda que venha se distanciando do perfil que exercia no começo desta caminhada de educação, como instrutora, busca, no presente, aproximar o educando do conhecimento acadêmico, com entendimento de uma realidade em que vive o estudante. A construção do conhecimento por via do diálogo e participação encontra-se em processo. O papel da escola é fundamental para educar o olhar sobre as coisas que expressam o passado e ainda reflete no tempo presente, sem perder de vista o futuro.

Nesse sentido é que o CGB pode funcionar como “laboratório de experimentação social”, como George Henri Rivière pregou nos anos de 1970 ou “espelhos para a sociedade se conhecer”, nas palavras de Hughe de Varine-Bohan, conforme Bruno (2002:95). São argumentos pertinentes que coadunam com os novos parâmetros de museus, conforme os novos paradigmas apontados pelos estudos museológicos.

A educação do olhar sobre as coisas não está apenas no conhecimento dos objetos presentes, mas de conduzir este olhar para além do material, possibilitar leitura, conhecer sua história, interpretar e torná-lo algo comum entre todos. A escola, no caso do CGB, o conteúdo didático presente nas disciplinas curriculares são a base para a comunicação do conhecimento, mesmo que não estejam em diálogo entre si, de forma interdisciplinar, isoladas de um contexto maior que se encontra dentro da própria instituição de ensino. O CGB escreve sua trajetória na história na educação e está presente nos objetos que compõem o próprio espaço edificado, bom para ser observado, interpretado e re-significados. Dessa forma que entendemos que objetos testemunhos do CGB podem ser transformados em objetos diálogos, com o objetivo de sensibilizar, a princípio a comunidade estudantil e em seguida a sociedade em geral para novas ações preservacionistas, a partir de processos interpretativos referentes à herança cultural (BRUNO, 2002: 92).

Neste sentido importante fazer uma reflexão sobre o papel dos museus em utilizar dos bens culturais musealizados para comunicar uma ideia, um discurso e conectar com a escola quando ao se apropriar dos seus conteúdos de ensino para comunicar algo a alguém estabelece relação com seu entorno, seu patrimônio, construindo um pensamento autônomo e crítico sobre a história do lugar, desvelando o passado com olhar da sua própria realidade, reafirmando seu lugar no tempo e no espaço. Por esse viés é pensar que “Educar é um ato político que visa a formação de sujeitos críticos que utilizem o conhecimento construído na escola para lutar por seus direitos” Bezerra (2006: 83), assim como os museus são espaços de contestação e negociação cultural.

Os conteúdos abordados na escola e a relação estabelecida com o patrimônio possa despertar no estudante o interesse de compreender a história das coisas que fazem parte do lugar ao qual estão inseridos, assim como nos museus, os artefatos expostos se transformem para o público visitante em um instrumento para conduzir o visitante alimentar-se da fonte do passado para compreender e reescrever seu presente.

As exposições dos objetos nos museus, como o ensino na escola não devem fechar-se às suas informações, mas estar acessível ao que se apresenta

no tempo presente, onde seja possível falar do passado e do presente, numa constante ressignificação das coisas e dos fatos. O museu no contexto educativo tem potencializado em estreitar sua relação com o público, estar além dos seus muros, interagir com o outro, criar novas possibilidades de conhecimento a partir de ações educativas que favoreça relação interativa entre o visitante e o patrimônio. O caminho que os museus têm traçado para educação sobre o patrimônio é o que se busca dentro do espaço da escola. Tanto o museu como a escola devem se constituir como lugar para despertar discussões, reflexões e construções de novos pensamentos sobre as coisas como nos afirma Chagas e Storino (2004: 06) que “Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições”. Assim deve-se pensar que a escola pode ser espaço de estímulos a novos pensamentos. Se o saber tem chegado até o educando e se tem favorecido subsídios suficientes para que alcance a compreensão e reconhecimento do patrimônio existente dentro do contexto escolar como recurso no ensino aprendizagem.

Com base nos estudos de público realizado com os estudantes do 1º ano do ensino médio do Colégio Gentil Bittencourt, em novembro de 2018, podemos nos aproximar de um entendimento que este possui com relação aos bens culturais na escola. Para 87% dos estudantes entrevistados os conteúdos ensinados no CGB têm contribuído para a compreensão sobre o patrimônio. O reconhecimento do Colégio Gentil, pelos estudantes, em quanto bem patrimonial é de 100%. Estes resultados despertam atenção quando nos deparamos com outros sinalizadores sobre a educação no âmbito escolar voltado para o patrimônio, pois o conhecimento apreendido nos conteúdos voltados para o patrimônio está centrado nos valores históricos que circunscreve o prédio, pautado no conceito do patrimônio que nasce de uma política nacional distinta daquela que nasce das escolhas populares, para se constituir um corpus patrimonial que as escolhas e a preservação do patrimônio deve partir de iniciativa coletiva e compartilhada por um grupo social que saiba escolher e gerenciar, bem como transmitir o conhecimento de geração a geração. Na educação formal o conhecimento para o reconhecimento deste patrimônio deve nascer de uma política de construção compartilhada, dialogada com todos os membros envolvidos no processo de educação para o patrimônio.

A educação na escola e nos museus abrem-se para um novo olhar sobre o patrimônio construindo outros e novos conceitos sobre patrimônio, para além da pedra e cal e se faz presente nas relações estabelecidas entre o homem e o objeto, nos valores atribuídos por estes. Neste sentido que o conceito sobre o patrimônio dentro do contexto da educação, vem se alinhavando, com base nos valores atribuídos por meio de quem o escolhe como tal para representá-lo como símbolo da própria identidade, de existência. A preservação dos bens patrimoniais se faz não por parte de uma minoria, mas de um valor social, de uma consciência de que dele tem-se como fundamental para promoção do ser e existir.

As relações se estabelecem no cotidiano, no presente vivido, estabelecendo vínculo de afeto e identidade, como se observou no estudo de público, realizado em novembro de 2018, a partir de aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas, realizada dentro do CGB com estudantes do 1º ano do ensino médio e pode-se fazer um recorte de algumas entrevista e registrar como a narrativa do educando (JVSF) se expressa ao relatar que “algo que devemos zelar pelo seu valor social” e ao educando (FAG) ao dizer “Algo que guarda histórias e desperta sentimentos”. Conceitos atribuídos que nasce da base de

um todo, que a educação pode se apropriar para levantar discussões e construir novos olhares sobre o que de vem a ser patrimônio. O papel da educação neste sentido, tanto dos museus como da escola é buscar múltiplas possibilidades para o conhecimento.

A leitura das coisas: estratégia educativa para construção do conhecimento

No espaço da escola, que os conteúdos não sirvam como único caminho para construção do conhecimento, mas que as coisas presentes em seu entorno sejam bons instrumentos para ser interpretados como elementos constituintes da história do lugar. Desvelar sua história, conhecer cada objeto, saber o que cada um tem a nos dizer sobre sua construção, compreender o seu passado e inserir no presente sob outro entendimento, resignificando a história das coisas. A leitura das coisas exige o conhecimento deste por meio do diálogo que se estabelece no âmbito da educação e habilita o educando para observar, interpretar a história de cada objeto.

As coisas revestidas de significado, de valores são fontes ricas de conhecimento e reconhecimento e servem de instrumento para educação sobre o patrimônio e serve de base na alfabetização patrimonial (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999) e é por este entendimento que a educação não deve se fechar em si mesma com suas crenças e valores, com discurso pronto e acabado. Vale buscar informações nos objetos para compreender o presente vivido, com releitura dos signos representados em cada canto, cada coisa que se caracterize um bem cultural e que não se estabeleça à margem da vida cotidiana do educando, seja parte integrante do ensino aprendizagem como elemento vivo e dinâmico no dia a dia do contexto escolar.

Na educação libertadora, o diálogo transforma o educando conduzindo-o da posição passiva para agente de transformação do seu mundo, tornando protagonista da sua própria história. Ser capaz de entender e decifrar o mundo através das coisas, dos significados presente na cultura material, por este motivo quem é pertinente a afirmativa de que "É preciso aprender a ouvir as coisas, a entender suas lições" (HORTA, 2006: 224). Os objetos podem nos revelar muito e só seria possível com a educação do olhar sobre as coisas, que pode nos dizer quem somos ou mesmo quem não somos e acreditamos ser. As coisas expostas no espaço como marca de um tempo são como camadas finas superficiais que encobrem a história de um grupo social. As narrativas que nos são contadas por meio dos livros nos leva a crer que fazemos parte desta história, mas é preciso conhecer o que está para além da história contada e decifrar seus códigos e fazer uma releitura, remover o véu para ler o passado com olhar apurado. O reconhecimento das coisas como herança cultural que se apresenta nas relações sociais se constrói no diálogo e nas trocas de conhecimento e neste sentido que a educação tem papel fundamental para mediar este processo de construção de identidade a partir do reconhecimento das coisas como testemunho da história. Nos estudos sobre os objetos enquanto cultura material que compõe a estrutura arquitetônica do Colégio Gentil Bittencourt que no seu conjunto foi considerado com 100% dos educandos como patrimônio, podem ser bons para se pensar se a educação tem cumprido com o seu papel de apropriar-se destes elementos como estratégia para construção do conhecimento sobre a história do lugar, a partir dos objetos presentes. Esses objetos são expostos, reconhecidos e valorizados como parte integrante da vida dos educandos que convivem

no meio deles. Pensando nesta questão é que esta pesquisa trouxe a discussão a relação da educação com o ensino a partir destes objetos como fonte de conhecimento. Fazer conhecido para torná-lo presente no cotidiano dos educandos é deixar de ser objeto de mera ornamentação e contemplação para tornar-se sinal latente da história do lugar.

No processo de ensino aprendizagem, a leitura das coisas como objeto de cultura material se faz evidente e concebido na medida que o diálogo se estabelece como mediador no processo de construção do conhecimento. Nos conteúdos que abordam o patrimônio dentro da plataforma de ensino pelo sistema Ari de Sá (SAS), no Colégio Gentil Bittencourt, nas turmas de 1º ano do ensino médio tem centrado nas áreas de linguagem, códigos e tecnologias, na disciplina de arte e na área de ciências humanas e suas tecnologias. Na disciplina de história se fazem presentes no ensino, porém não se visualiza uma relação com o seu entorno, com as coisas considerados pelos educando como patrimônio, o que nos leva a refletir que se algo torna-se objeto cultural, se os elegemos, pode-se dizer que algum valor a eles foram atribuídos para que se tornassem um bem patrimonial, portanto vale ressaltar que a educação tem a função de gerar discussões, reflexões e compartilhar conhecimento para melhor compreender o sentido de escolha dos bens culturais como patrimônio de determinado grupo. As escolhas que se faz ao longo do processo de ensino sobre os bens culturais estão relacionados com o entendimento que se constrói durante o processo de aprendizagem na escola, a seleção dos objetos se estabelece na medida que o conhecimento se amplia sobre o bem cultural. As estratégias de ações educativas para o conhecimento e reconhecimento das coisas foram pensadas e propostas para tornar possível o ensino mais dinâmico, participativo e interativo. Aproximando o homem da cultura material. Neste sentido que os pontos de memória escolhidos dentro do CGB como recurso didático para ações educativas que trazem no seu corpus patrimonial conhecimento sobre a história do lugar e que são bons para serem observados e repensados enquanto objetos marcadores de um tempo que nos leva a refletir sobre este passado e nos situar no presente com condições de interferir e estabelecer uma relação com nossa vida na realidade sem perder de vista que o passado torna-se a base de toda reflexão sobre este mesmo objeto resignificado no presente.

Os acervos que contêm a história do lugar são fundamentais para a compreensão da história de educação construída ao longo de dois séculos no Colégio Gentil Bittencourt e tornar-se objeto de estudo alinhado nos conteúdos abordados em sala de aula, interdisciplinarmente com as demais disciplinas dentro do programa de ensino para contextualizar com o mundo presente. Portanto, é importante ressaltar que o conteúdo curricular de ensino não seja o único caminho para educação, mas que os elementos culturais que permeiam o espaço da escola se tornem subsídios para o ensino no contexto da escola e para ampliar o entendimento que o estudante possui sobre patrimônio é que este estudo propôs a criação de um circuito do patrimônio como recurso didático para educação sobre a cultura material na escola diversificando os meios de se percorrer um caminho mais interativo, de diálogo e reflexão sobre a construção e reconstrução da história e memória do lugar a partir dos conteúdos alinhados com os objetos expostos.

Selecionar, identificar, conhecer e preservar são ações que se fazem presentes na educação para o patrimônio no contexto escolar e se entrelaçam com o fazer museológico para identificação e reconhecimento do patrimônio, no caso do Colégio Gentil Bittencourt, o espaço com grande potencial muse-

ológico não poderia se distanciar desta prática educativa que se apresenta no próprio espaço de educação. Em cada canto, há um conto a ser desvelado pelo viés da educação sobre um olhar treinado e educado para construção de uma nova história, narrada pelos educandos, daquilo que faz sentidos, que herdamos e preservamos como testemunho de nossa história do passado na vida presente, segundo Varrine, é “tudo o que tem sentido para nós, o que herdamos, criamos, transformamos e transmitimos é o patrimônio tecido de nossa vida, um componente de nossa personalidade” (VARRINE, 2013: 43). As nossas escolhas são de acordo com o que somos, nos representa.

O olhar criterioso sobre o que selecionar como patrimônio de acordo com o valor a ele atribuído se faz por meio da educação que proporciona subsídios para o conhecer de si e do outro, numa constante resignificação do fazer museológico no espaço escolar para realçar e fortalecer os vínculos com as coisas do passado e do presente o potencial histórico existente no colégio Gentil Bittencourt.

Breve reflexão sobre o passado e o presente na história de educação Gentiliana

A partir do estudo de público realizado com os estudantes do Colégio Gentil Bittencourt, em novembro de 2018, compreendeu-se que o entendimento sobre o que vem a representar o espaço escolar é entendido como um lugar que apresenta uma história do passado e considera como um monumento histórico. É o lugar que traz na memória história do passado e está atrelado apenas ao passado desarticulada do seu tempo presente. Este passado está materializado nas coisas expostas e constitui o conjunto arquitetônico do prédio. A escola tornou-se um bem maior enquanto valor histórico, mas que ainda se fecha no tempo pretérito e que deve ser preservado para narrar fatos de um tempo que pelo entendimento deste não tem uma ligação com o presente.

A história da educação transcorre num tempo linear com sucessivas histórias que se escrevem ao longo do tempo e se molda com as mudanças que surgem para acompanhar o tempo. Preocupados em construir um modelo de educação alinhado ao tempo presente com olhar para o futuro. Construir novos conhecimentos e iluminar o potencial histórico do Colégio Gentil Bittencourt a partir do entendimento sobre o patrimônio que se forma na linguagem hegemônica deste entendimento. As narrativas construídas do passado são a base em que se aporta a educação, perdendo de vista o que o seu entorno tem a nos dizer sobre este tempo no presente.

O valor histórico atribuído pelos educandos sobre a escola tem uma estreita relação com o passado e pode ser apropriado pela educação como um ponto de partida para compreensão do que se apresenta no mundo atual. É possível apresentar a história da educação por meio das coisas do passado que se revelam no presente com conteúdos atuais alinhados aos fatos do passado revestido nos objetos.

A presença de um museu no porão da escola é um sinalizador de que em algum momento do tempo da história da educação neste lugar foi pensado no potencial histórico e museológico que a escola apresenta e que é passivo de se musealizar e tornar-se um espaço de memória e de construção de conhecimento para próximas gerações vindouras como espaço aberto para o diálogo sobre o tempo, o espaço e a memória do lugar e as práticas educativas sobre este local sejam instrumento de negociação entre o ensino, conhecimento e o

educando, ao pensar que a interatividade é um meio facilitador que implica no visitante inserir-se num processo de re-formulação e reestruturação de seus conhecimentos, que os objetos educativos possam ser ferramentas de aprendizagem. Na educação, na qual a troca do conhecimento se faz em mão dupla, no comunicar-se constante e de forma interativa com as coisas do passado.

Considerações finais

É possível observar pelo artigo que o Colégio Gentil como patrimônio traz grande potencial arquitetônico com um conjunto de elementos provenientes de uma história ligada a um passado áureo da história da cidade de Belém do Pará, que se apresentam nos espaços edificados e que podem ser articuladas com outras referências patrimoniais, assim como levantam questões de cunho social, político, econômico e cultural, porém a relação com os conteúdos curriculares é tímido, mesmo quando o tema tratado é patrimônio. Ainda assim, para os educandos, ao serem questionados se o ensino tem contribuído para o entendimento sobre o patrimônio na escola, a maioria considera positivo, que tem favorecido para compreensão sobre a importância da instituição com potencial histórico.

Outro dado relevante a considerar é que na pesquisa realizada com os educandos, todos consideram o Colégio Gentil um patrimônio, porém poucos percebem os elementos que constituem o seu conjunto arquitetônico, desconhecem sua história até mesmo da existência de um Museu que guarda objetos referentes a história do lugar. Isso revela que o desconhecimento gera um certo distanciamento sobre o patrimônio. Neste sentido, a importância de se estabelecer via curso de Museologia da UFPA uma pedagogia para o patrimônio que possa atuar conjuntamente à educação formal, tratando o conhecimento sobre patrimônio de forma contextualizada e assentada na realidade, onde está inserida o CGB. Esse processo educativo articulado entre Museu e Educação pode contribuir para diferentes interpretações sobre a história do lugar a partir dos distintos patrimônios que serão trazidos para o diálogo dentro do Colégio Gentil Bittencourt. Importante ressaltar que a educação oferecida no Colégio adaptou-se ao novo tempo, conectou-se ao tempo presente, porém perde de vista sua história no passado, explora muito pouco seu potencial museológico presente nos cantos da Escola e que tem muito a nos falar sobre a história do lugar e da cidade.

E por fim pensar que o Colégio Gentil Bittencourt com suas histórias em perspectivas é um potente museu de educação, cujo papel é de comunicar, de levantar questões, de dialogar, conduzir reflexões para coletivamente produzir conhecimento e avançar para uma educação dialogada e participativa sem ideias e conhecimentos prontos e acabados. A construção do conhecimento no âmbito escolar siga em via de mão dupla, criando possibilidades de novas leituras sobre as coisas do passado para compreender o tempo no presente, com perspectivas para o futuro.

Referências

- BEZERRA, Márcia. Educação [BEM] patrimonial e escola. In: NAJJAR, Jorge; CAMARGO, Sueli (Org.). *Educação se faz (na) política*. Niterói: Eduff, 2006
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A museologia como uma pedagogia para o Patrimônio. In: *Ciências & Letras – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, n. 31, p.87-97, 2002
- CHAGAS, Mário; STORINO, Claudia M. P. Os Museus são bons para pensar. *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus Culturais, n.º. 3, 2007
- DERENJI, Jussara da Silveira, *A arquitetura nortista: a presença italiana no início do século XX*. Manaus: SEC, 1998
- FILHAS de Sant'Ana, Belém:[s.n.], 1963
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- FIGUEIREDO, Bettania Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. 2ª ed. Belo horizonte: Fino Traço, 2013.
- GUARNIERI, Waldisia Rússio Camargo. Textos e Contextos de uma trajetória profissional. Maria Cristina Oliveira Bruno (Org.). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999
- _____. Lições das coisas: O enigma e o desafio da educação patrimonial. *Revista do Patrimônio e Artístico e Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, n.31, p.221-233, 2006
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Memória-História*. Vol. I. Trad.: Fernando Gil. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda. p. 51- 86.(Enciclopédia Einaudi), 1984
- ROCQUE, Carlos. *História do Círio e da festa de Nazaré*. Belém SECULT/PA: Mitograph editorial Ltda, 1981
- SISTEMA ARI DE SÁ. Programa das coleções 2018: Ensino Fundamental II Ensino Médio, SAS- Plataforma de Educação, 2017
- TOCANTINS, Leandro. Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade. Belo Horizonte: Editora Itatiaia limitada, 1987(3ª edição revista e aumentada), 1987
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*, tradução Márcia Lourdes PereiraHorta. 1ª reimpressão. Porto Alegre: Medianiz, 2013
- VEIGA, Ana Cecília Rocha. *Gestão de projetos de museus e exposições*. Belo Horizonte: C/Arte, 2013
- VIANNA, Arthur. *O Instituto Gentil Bittencourt: Esboço teórico*. Belém: Tup. Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1906